

COMUNICADO

Martírio de São João Damasceno de Luigi Miradori em exposição no Museu Nacional de Arte Antiga a partir de 27 de janeiro de 2022

Segunda obra do programa 'O Belo, a Sedução e a Partilha' do MNAA e Fundação Gaudium Magnum estará em exibição até 10 de abril de 2022

Lisboa, 19 de janeiro de 2022 – O Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA) e a Fundação Gaudium Magnum – Maria e João Cortez de Lobão (FGM) exibem, a partir de 27 de janeiro, uma nova obra no âmbito do projeto museográfico conjunto “O Belo, a Sedução e a Partilha”.

A partir de 27 de janeiro, e até 14 de abril de 2022, os visitantes do Museu poderão encontrar um óleo sobre tela de Luigi Miradori, dito Il Genovesino (Génova c. 1605 - † Cremona 1656) representando o *Martírio de São João Damasceno* e que data de 1645-50.

A nova obra estará, como a anterior, em exibição na Galeria de Pintura Europeia, num espaço dedicado ao programa, situado na Sala 49 do Museu.

A obra *Martírio de São João Damasceno* de Luigi Miradori pertence à fase mais criativa deste pintor e a uma época em que a influência da pintura espanhola se fazia sentir em toda a região da Lombardia.

O autorretrato que se vê no grupo de figuras à esquerda, mostra-o pintor mais ou menos com a mesma idade com que se pintou na enorme tela (477 × 764 cm) da *Multiplicação dos Pães e dos Peixes*, do Palácio Comunal de Cremona, assinada e datada de 1647.

A ampla cenografia arquitetónica da pintura recorda outras obras do mesmo período, como a *Ceia*, do mesmo Palácio, o *Milagre da Virgem em S. João Damasceno* da igreja de S. Clemente (1648) ou o *Repouso na Fuga para o Egipto* de Sant'Imerio de Cremona (1651), e de cromatismo muito próximo, nos diluídos fundos azulados e na encenação do alongamento perspético.

O que há de mais “velasquinho” nesta pintura é o grupo de personagens em primeiro plano, numa complexa composição alternando a altivez de tipos aristocráticos e militares com figuras populares. E o de mais zurbaranesco será por certo o tratamento da luz, acompanhando a perspetiva, e clareando progressivamente até ao fim da composição.

O tema central do quadro situa-se no segundo plano, mas o olhar para a cena é captado tanto pela sua centralidade topográfica e pela incidência da luz, como pelo enquadramento na cenográfica arquitetura que divide os planos e tem continuidade nos esfumados edifícios do fundo da pintura.

A teatralidade de toda a composição é evidente, tanto nas figuras do primeiro plano, como nesse enquadramento amplo e ilusório das arquiteturas. *Il Genovesino* morreu em 1656, em Cremona, a cidade que o acolheu e lhe deu todas as possibilidades de se afirmar como um grande pintor do barroco lombardo.

S. João Damasceno

Nascido em Damasco cerca de 675 e falecido em Jerusalém em 749 foi um Doutor da Igreja Grega e um dos maiores defensores do culto das imagens. Viveu numa época e num espaço em que teve de aplicar-se nesta batalha, sob o aniconismo do poder do Califado Omíada, de que o seu próprio pai era um alto funcionário, e sob a iconoclastia dos imperadores bizantinos Leão III (717-741) e Constantino V (741-775).

Damasceno pregou e escreveu abundantemente em defesa do culto da Virgem e das imagens. A sua teoria baseia-se em dois postulados: ao contrário do Deus do Antigo Testamento, Cristo tornou-se visível e esse dar-se a conhecer anulou os pressupostos contra a sua representação; a imagem, tal como a palavra escrita, é um apelo à memória, o que o ouvido é para a palavra, a imagem é para a vista mas, em ambos os casos, é no plano intelectual que o homem se une a essa memória. Os seus escritos, nomeadamente o *Contra imaginum calumniatores orationes tres*, redigido cerca de 730, fazem parte de um conjunto de textos sempre apresentados em ocasiões críticas de ressurgimento iconoclasta. O seu biógrafo João de Jerusalém juntou a esta ação de Santo de Damasco a descrição de um milagre particularmente elucidativo. O imperador iconoclasta Leão III terá denunciado João ao califa que lhe mandou amputar a mão com que escrevia. Miraculosamente, a Virgem restituiu-lha e Damasceno, em agradecimento, ofereceu uma mão de prata a uma imagem da Virgem, dando origem ao ícone da Panagia trikherusa, a “Virgem das Três Mãos” com culto na igreja grega.

O ressurgimento do interesse pela figura de S. João Damasceno foi evidente durante o início da contrarreforma, como resposta às reservas de luteranos e calvinistas ao culto das imagens religiosas, mas nada o faria prever em meados do século XVII. No entanto, em Cremona, *Il Genovesino*, não só executou esta grande pintura do Martírio de S. João Damasceno, como a outra tela atrás referida, praticamente das mesmas dimensões, para a igreja de São Clemente, representando o Milagre da reposição da mão de S. João Damasceno pela Virgem Maria. Um outro pintor cremonense, Gabriele Zocchi, pintou também o Martírio de Damasceno para a igreja de S. Vincenzo. A historiografia mais recente tem ligado este recrudescimento de interesse pela figura do santo a uma resposta às pilhagens de igrejas realizadas durante a tentativa de assalto a Cremona por parte das tropas franco-modenenses, em 1644, que, apesar de rechaçada pelo governador espanhol de Cremona, D. Álvaro de Quiñones, deixou grande destruição nos arredores da cidade.

II Genovesino: um pintor que encontrou o seu lugar

Luigi Miradori nasceu em Génova, em data incerta, provavelmente em meados da primeira década do século XVII. Aí casou em 1627 com Gerolama Benerosi e vivia ainda em 1630, quando contribuiu para a construção das fortificações da cidade. Mas são apenas duas as obras associadas a esta fase precoce: o “Concerto de Alaúde” (um instrumento que tocava na perfeição), do Palácio Rosso e uma “Santa Irene curando as feridas de S. Sebastião”, do Convento da Anunziata de Portoria. Ambas mostram um caravagismo aprendido em segundo grau, que então dominava a pintura genovesa através da influência de Simon Vouet, Gentileschi e Bernardo Strozzi. Pela comunidade flamenga, Génova era então um ponto de contacto entre as escolas do Norte e Itália, mas a influência do tenebrismo de Caravaggio fazia-se sentir na maioria dos pintores. Em 1632, *Il Genovesino* vivia já em Piacenza, mas também aqui deixou pouca obra, de que restam apenas duas telas na Galleria Nazionale di Parma (*Aarão estancando a Peste* e uma *Adoração dos Magos*). Aí nasceram-lhe dois filhos, e casou em segundas núpcias com Maria Ferrarri, como ele de ascendência genovesa, em 1635. Mas no mesmo queixava-se a Margarita de Médicis da falta de encomendas e pedia-lhe para deixar a cidade. Deve ter rumado a Cremona logo em seguida, pois em janeiro de 1637 já lá batizou mais uma filha. Numa cidade sem grande concorrência, tornou-se rapidamente o mais distinguido e requisitado pintor, beneficiando do patronato do governador espanhol da cidade, Don Álvaro de Quiñones. Não só lhe deu proteção, como lhe abriu as portas da sua importante coleção de arte, o que levou a que apreendesse rapidamente modelos e soluções de Ribera e de mestres espanhóis representados na galeria do governador. Curiosamente, muitas pinturas hoje dadas ao *Genovesino*: o *Anjo Custódio* do Museu de Bucareste esteve atribuído a Pereda e a Zurbarán, o retrato de Gian Giacomo Trivulzio a Mazo, o retrato de Criança a Rizi, o retrato de um Monge Olivetano a Zurbarán, e a pintura da coleção de Maria e João Cortez de Lobão não só esteve ela própria considerada de Velásquez como, quando no século XIX pertencia à coleção florentina de Luigi Borg de Balzan, teve mesmo uma falsa assinatura do pintor espanhol, num “cartelino” afirmando esta autoria.



Obra em Exposição: Luigi Miradori, dito Il Genovesino (Génova c. 1605 - † Cremona 1656), *Martírio de São João Damasceno*, c. 1645-50 | Óleo sobre tela, 209 × 140 cm | Fundação Gaudium Magnum – Coleção Maria e João Cortez de Lobão | ©Jorge Simão

Sobre a Fundação Gaudium Magnum

A Fundação Gaudium Magnum – Maria e João Cortez de Lobão existe desde 2018 tendo como missão enaltecer Portugal, a língua portuguesa, a sua cultura e as suas gentes. A Fundação pretende ser uma instituição aberta ao mundo, que promove o Bem Comum e contribui para uma sociedade mais justa, à luz dos valores Cristãos e da missão de Portugal no mundo. Para isso, aposta em quatro eixos estratégicos: Cultura, Educação, Beneficência e Investigação. No campo Cultural, e em particular a coleção de arte, reúne um valioso espólio de peças centrada em Old Masters, com uma forte componente de autores portugueses.

Website: <https://www.gaudiummagnum.org/>

Sobre o Museu Nacional de Arte Antiga

Criado em 1884, o MNAA - Museu Nacional de Arte Antiga alberga a mais relevante coleção pública do país: pintura, escultura, artes decorativas – portuguesas, europeias e da Expansão –, desde a Idade Média até ao século XIX, incluindo o maior número de obras classificadas como «tesouros nacionais», assim como a maior coleção de mobiliário português. São também de grande relevância no acervo, nos diversos domínios, algumas obras de referência do património artístico mundial, não só na pintura, mas também no âmbito das suas coleções de ourivesaria, cerâmica, têxteis, vidros e ainda desenhos e gravuras.

Em exposição permanente, destaca-se a sala dedicada à história dos presépios portugueses, articulada com a Capela das Albertas, joia do Barroco nacional, que é composta por mais de duas dezenas de obras, incluindo presépios completos e esculturas avulsas, na qual se podem encontrar desde os mais antigos fragmentos de figuras em barro até aos grandiosos conjuntos conventuais e palacianos, da autoria dos mais reputados escultores, desde o século XVI ao século XIX.

No acervo do MNAA, destacam-se os Painéis de São Vicente, de Nuno Gonçalves, obra-prima da pintura europeia do século XV, a Custódia de Belém, de Gil Vicente, mandada lavar por D. Manuel I e datada de 1506, os Biombos Namban, do final do século XVI, registando a presença dos portugueses no Japão, Tentações de Santo Antão, de Bosch, exemplo máximo da pintura flamenga do início do século XVI, São Jerónimo, de Dürer, inovadora representação do Santo, e importantes obras de Memling, Rafael, Cranach ou Piero della Francesca. Destaque ainda para a Custódia da Bemposta, uma das mais ricas peças da ourivesaria barroca portuguesa, a escultura de Santa Ana Ensinando a Virgem a Ler, da autoria de Joaquim Machado de Castro, o mais importante escultor do período barroco português, ou a Baixela Germain, um impressionante serviço de mesa do século XVIII encomendado por D. José I à famosa oficina parisiense de Thomas Germain, o ourives de Luís XV.

Website: www.museudearteantiga.pt

Mais informações

Departamento de Comunicação | Press Office - MNAA-Museu Nacional de Arte Antiga

Rua das Janelas Verdes, 1249-017 Lisboa

Tel: 21 391 28 00

mnaa_comunicacao@mnaa.dgpc.pt

Contacto Editorial da FGM:

Cláudia Borges

966 825 364

cvborges@jlma.pt

Horário do Museu Nacional de Arte Antiga

Terça a domingo, 10h-18h

Como chegar

Rua das Janelas Verdes

Autocarros 713, 714, 727

Av. 24 de Julho

Autocarros 728, 732, 760 Elétricos 15 E, 18 E

Largo de Santos

Elétrico 25 E

GPS 38.704516 -9.162278